

# O Sonho Passou, Deixando Fiapos

Francisco Rogido

*Ilustrações de Catalina*

*O Visconde tomou da pena com toda a resignação e continuou*

*“Memórias da Emília” Monteiro Lobato*

*Ninguém se cura desta metamorfose.*

*Comme un roman . Daniel Pennac*

**Um dia de verão - - Sábado - - Manhã.**



Ainda pouca luz da manhã envolvia o apartamento vazio. Ele abriu o envelope com a carta da mãe... leu como quem lê o silêncio que há por trás das palavras que se animam em seu interior. A carta era clara: deviam vender a Casa de Pedra, onde passara muitos verões. **7:32 da manhã:** Hoje é um dia quente, apesar de nublado. O termômetro marca quase 35°C. Vazio é modo de dizer. Tinha calor e tinha flor no centro daquele apartamento pequeno, onde se encontram as frutas frescas na fruteira, e o jornal dobrado do dia anterior sobre a mesa. E tem a família do Manuel que ainda está dormindo. O Manuel é o menino sentado no sofá de pijama, cabelo todo despenteado, com remela nos olhos e que parece estar com uma fome tremenda, mas que não faz uma vírgula para mudar a sua situação. O Manuel não é menino doente, ao contrário. Mas é amarelão por que não sai muito, não toma sol e só fica na frente da televisão. Todo o fim de semana pela manhã, antes mesmo de tomar café-da-manhã, o Manolo faz a mesma coisa: refugia-se um pouquinho no sofá, fica olhando através da janela para o vazio do céu com a mesma cara de bocó de mola, de todos os dias. Às vezes, meio distraído, chega até a tirar umas melequinhas do nariz fazendo bolinhas bem redondinhas com o dedo indicador e o polegar, só para passar o tempo. Às vezes, como hoje, ele acorda com umas ideias esquisitas, tipo vontade de jogar futebol ou andar de bicicleta. Às vezes. Mas por acaso, hoje o tempo está nublado e com cara de chuva. Muita chuva. E logo hoje, justo hoje, que entre uma melequinha e outra, ele acordou com vontade de andar de bicicleta. Mas esse seria um fim de semana diferente. Pra começar, já começava com promessa de chuva. Chuva? Você acha que isso é um problema para o Manuel?

*Lógico que não! Não tem problema, pensou o Manuel, com chuva posso assistir televisão e jogar videogame o dia inteiro!*



A televisão do menino Manolo tem vários canais e um videogame *Wii* conectado. Nos vários canais da televisão há um monte de desenhos: o canal 34, por exemplo, mostra uma arganaz orelhuda amiga de um pato fanho e um cão com ares de estúpido; no canal 126 uma esponja amarela cheia de trejeitinhos e vizinha fininha, amiga de uma estrela do mar rosa; só no canal 356 que passavam aqueles seres japoneses sobrenaturais que habitavam uns ovos, eram treinados por crianças e eram colocados para brigar.... e quando o menino se cansava do Mickey, do Bob Esponja e dos Pokemons , lançava mão de

uma série de comandos no controle-remoto e conectava o *Wii*. Podia jogar o dia todo. E como tudo que é interminável se torna obsessivo, o menino já andava meio lelé da cuca de tanto jogo eletrônico dentro da cabeça.

**8:30 da manhã:** CATABUM! Agora sim, agora começou a chover para valer. Além de chuva, vento e trovões. E quando trovejava é que ele lembrava que sentia um medo do medo que dá quando troveja. Então, como a televisão já estava ligada, se concentrou ainda mais para fugir dos trovões, mas a televisão não conseguia apagar de seus ouvidos nem o estrondo dos trovões, nem o clarão dos relâmpagos. Nem sequer podia chamar os pais, pois sábado pela manhã era um dia estranho. Os pais

fechavam o quarto por dentro para dormir até tarde. Quando acordassem, já de banho tomado, a mãe sempre apareceria cantando toda feliz, chegava até a fazer uns pães especiais. O pai com aquele sorriso magro, também saía do quarto arrebitando uns beijos que pareciam até voar. Os sábados pela manhã eram muito estranhos na sua casa... As vezes, os relâmpagos que chegavam a iluminar toda a sala naquele dia escuro, chegavam a fazer o corpo estremecer por dentro. Era cada pancada que dava medo até em gente grande - mas gente grande não vai ficar dizendo por aí que tem medo de trovão que é como pensamento feito de preocupação que vem e vai, que não tem tempo, nem piedade, nem tem hora para chegar. Depois que tudo passa, e se para de pensar na vida, na idade, no destino e no fim e na finalidade de tudo que desemboca em por ques, porques, porquês, por quês e em todas essas coisas, a normalidade volta a tocar tudo como sua carícia de conforto.

**8:43 da manhã:** Mas de repente, quando aquela estória toda de trovoada parecia ter passado... CATABUM de novo! Um trovão! Tudo silenciou. Demoraram alguns instantes para que Manuel percebesse por que cessara tão de repente, na vitrola do pai, o “Apanhei-te Cavaquinho” do Ernesto Nazaré. O chorinho : faltou a luz.

\*\*\*

A sorte é que ainda era dia. Já pensou se faltasse luz com aquela trovoada toda, de noite? Ia ser um horror. A mãe e o pai, já acordados e sorridentes,

*– por que hoje é sábado, se é que nos fazemos entendidos! -*

aconselharam o garoto a ir para o quarto e se distrair um pouco com seus brinquedos ou até mesmo ler um livro.

*- - Um livro! Que coisa mais chata! - -*

**9:37 da manhã:** Mesmo contrariado, o Manuel foi para o quarto depois do café da manhã. Andava meio jururu. Desanimado mesmo com esse negócio de falta de luz. Mas teve uma idéia:

*Bem, é verão e eu tenho sempre umas coisas a fazer que sempre vou adiando. Esse ano não vai ter férias. Meu pai já disse que anda meio sem dinheiro por causa de uma tal crise. No máximo, vamos passar uns dias na casa de pedra do meu avô. Como eu não quero que ninguém na escola fique pensando que eu sou um desses meninos de vida chata que passa o verão lendo livros e vendo cabras e vacas o dia inteiro, tenho um plano infalível. Vou pegar umas fotos de umas revistas do último verão e cortar as fotos que eu quero. Tudo que eu preciso é uma câmera digital. Tiro as fotos das fotos de uma dessas revistas cheias de crianças brincando na praia. Depois, é só ligar o computador, escanear as fotos, abrir o editor de imagens, e colocar as minhas imagens no meio dos outros moleques brincando na praia... Pronto. Os meus amigos vão morrer de inveja do meu verão. Principalmente o Getúlio, que vive contando vantagem, que tudo que ele faz é melhor do que tudo.*

Aquilo não durou nem dez minutos, pois sem eletricidade, o escaner não funcionava e a bateria do laptop só durou uns 10 ou 15 minutos, pois para variar ou ele, ou o pai, ou a mãe sempre esqueciam de carregar a bateria do computador.

\*\*\*

Ele bem podia chamar alguns amigos para sua casa. Ele, não. A mãe podia interfonar.



Pensou em ligar para o Zivaldo, mas ele é meio maluquinho. Pensou no Serginho, que o pessoal chama de Jaguar, mas ele está naquela fase em que vive com a mão lá... no bigulin, e o pior é que depois fica querendo segurar o manete do *Wii*. Não dá! Pensou no Getúlio, mas na certa todo mundo no prédio estava naquele mesmo barco furado de falta de luz. Bom, sempre podia ligar para o Miltinho Viola, o menino do 703, seu melhor amigo, mas sempre tinha a imagem na cabeça, do Miltinho fazendo xixi. O menino abaixava os calções e a cueca até os tornozelos, deixando a bunda à mostra – e aquilo é meio ridículo, pensou Manolo. Tinha sempre a opção da Sofia, do 502, que era até bonitinha, mas é menina, e sempre chega uma hora que as meninas começam a querer brincar com coisas mais filosóficas, tipo casinha, comidinha, e inventar diálogos imitando mães cuidando da família... coisas que dariam dor de barriga de nervoso no seu tio Edvaldo.

*Por falar em tio Edvaldo, não adiantaria de nada pedir para minha mãe telefonar para ninguém, pois na certa ela teria de sair para fazer a feira. Afinal, amanhã o tio Edvaldo vem almoçar, e vai trazer a noiva. A noiva nova. Bom, sem luz, não tem elevador. Sem elevador minha mãe vai ter de subir todos os seis andares cheia de bolsas. Na certa vai pedir para o meu pai ajudar. Na certa meu pai vai reclamar. E na certa ela vai reclamar por que meu pai sempre, ou faz corpo mole ou reclama. Melhor eu ficar quieto. Bom, como eu ia dizendo, meu tio é um tipo engraçado. Ele não tem profissão. Ou melhor, segundo meu pai, ele tem umas dez profissões e está na ativa em todas. E acho que às vezes meu pai exagera na implicância com o tio Edvaldo. Minha mãe diz que ele é escritor, mas ele já tem mais de 40 anos, quase não aparece no jornal, e tem no máximo uns dois livros publicados. Tio Edvaldo já casou três vezes. Mas não é casamento igual ao do pai e da mãe. Essa noiva nova que vem amanhã é a quinta mulher do tio Edvaldo. Com a quarta mulher ele nem chegou a casar, muito menos trazer em casa. Ele disse uma vez que ela era mulher complicada. Eu não sei bem o que ele queria dizer com isso, mas minha mãe diz que devemos tratar cada mulher nova do tio Edvaldo como se as anteriores jamais tivessem existido, e eu acho que às vezes minha mãe exagera. Meu pai diz que o tio*

*Eduardo é o maior cara de pau, além de cometer muitos erros de português quando escreve. Mas eles sempre acabam com uma garrafa de uísque, e a moça fica horas conversando com a minha mãe. No final todo mundo sai feliz, menos eu, pois meu pai e tio Eduardo ficam vendo o futebol no sofá, falando mal dos jogadores, dos deputados, do Capitalismo, dos ministros e até de um primo distante lá nos Estados Unidos. Depois ficam risonhando com um bafo danado de uísque, e minha mãe fica horas e horas rindo e contando um monte de coisas embaraçosas do meu tio para a mais nova namorada do tio Eduardo. Ou seja, todo mundo feliz. Na casa só tem uma televisão. Isso quer dizer que enquanto está todo mundo feliz, eu fico um dia inteiro sem ver a cara do Sonic e dos Angry Birds. Que saco!*

\*\*\*

**12:22 da tarde:** Ele já tinha ido à cozinha e tomado três copos d'água – dos grandes, no copo do Bob Esponja. Já tinha brincado com os Legos – tinha feito uma garagem, três carros e uma nave espacial cheia de coisas complicadas. Os soldados verdes já tinham invadido a garagem, não, não, não era a garagem, era o castelo dos soldados medievais, e da nave espacial os guerreiros medievais ficavam bombardeando os soldados verdes. Estes, uns tremendos de uns bunda-moles, mesmo que em maior número, escapavam como podiam nos trezinchos de madeira e, os jedi, metade montada em seus cavalos, e a outra metade montada nos carrinhos de ferro, junto aos amigos do Luke Skywalker, conseguiam alcançar os soldados verdes e pegá-los todos. E olha que os soldados ainda tiveram a ajuda de um monte de aviões nazistas. *Uns incompetentes!*, pensou o Manuel.

Já tinha brincado com tudo e, para dizer a verdade, estava ficando meio chateado de não ter nada para fazer.

Finalmente foi até a sala. Olhou a estante repleta de livros de cima a baixo. Esticou o braço e a mão até a prateleira mais alta que podia alcançar. Enquanto ia tocando a lombada de um monte de livros grossos e provavelmente sem desenho algum, reconheceu a lombada de umas revistinhas fininhas espremidas entre uns livros grandões.

Primeiro ele puxou um desses gibis de férias, cheio desses jogos de Sete Erros e de coisas para colorir, já todo rabiscado. *Isso é do ano passado*, pensou o moleque. Resolveu pegar outro gibi. Foi puxando, puxando devagarinho, mas o outro do lado, gordão estava vindo junto. Ele puxou com jeitinho, puxando, puxando devagarinho, na ponta dos pés. O gibi ficou ali paradinho do lado do livro do Harry Potter, e caiu justamente o livro gordão, justamente na sua cabeça e bateu no assoalho de madeira, fazendo um tremendo barulho.

A mãe baliu da cozinha naquela voz dela de cabra enfadada:

- *Manuéééuuuuulll!*

- *O que é mãe?*

- *Que barulho é esse? O que você quebrou dessa vez?!*

O menino espichou os olhos. Ficou meio chateado de sempre levar a culpa de tudo:

- *Não foi nadaaaa!!!!*

\*\*\*

Pegou o livro do chão e nem leu o título, “Cinco Semanas num Balão”. Sentou-se no sofá, abriu o livro com a cara toda emburrada e primeiro folheou para ver se havia desenhos. Nada. Livro grande, sem gravura: aquilo não podia terminar bem.

Primeiro, o livro começava com uma chatura de reunião numa tal de Real Sociedade Geográfica de Londres onde um tal de Dr. Samuel Fergusson está prestes a convencer um monte de velhos que ele deve fazer uma viagem à Africa para achar a nascente do Rio Nilo. Até aí tudo bem, só que a reunião não tinha mais fim.

*É uma tal questão de ordem, questão de encaminhamento... parece as reuniões de condomínio ou do partido do meu pai, ninguém decide nada, tem sempre alguém levando algum dinheiro por fora — segundo meu pai — e fica tudo a mesma coisa.*



Segundo, as letras eram miúdas e as palavras grandes e difíceis. Um inferno isso. Terceiro, o tal de Julio Verne ziguezagueava um monte de interjeiçõezinhas onomatopéicas - do tipo *Oh! Uh! Vejam! Estupendo!*

*Que maneira mais esquisita de mostrar admiração!*, pensou o garoto.

Aquilo mais se parecia a um tratado parnasiano - cheio das palavras complicadas, e que ele nunca tinha ouvido falar - que a um livro de aventuras infantis. Mas por um lado até que era interessante pensar como, as pessoas descobriam onde começavam e terminavam os rios, numa época em que não existia Google Earth.

Enfim, depois dessa idéia, ele prosseguiu na leitura ainda com uma certa má vontade. Todos os homens reunidos na tal sociedade para estudar geografia, festejaram a aprovação da tal viagem fantástica que Dr. Fergusson faria pelo ar para atravessar a África, que até aquele ano era um continente conhecido apenas parcialmente. *Peraí*. O ano era 1862. Manuel fez uma operação de matemática e diminuiu 1862 daquele ano em que estava, e isso dava mais de 150 anos! Há 150 anos não tinha nem avião, nem helicóptero! Como o tal do Dr. Fergusson faria para sobrevoar pela África?

O Dr. Fergusson vai fazer essa tal viagem fantástica a bordo de um balão chamado Vitória. O Joe é o empregado do tal doutor, mas isso não fica bem claro. O Dick conhecia o Dr. Fergusson desde umas viagens que tinham feito para a Índia quando o doutor era bem mais jovens. Dick era escocês e bem mais novo que o dr. Fergusson. Tinha idade para ser quase filho do Dr. Fergusson. E não era só por esse detalhe que eram tão diferentes. O doutor Samuel Fergusson é um homem magro de uns 40 anos, tem um nariz grande e um olhar de pessoa que vive no mundo das nuvens. Dick é um garoto metido a aventureiro, que com sua espingarda de chumbinho gostava de sair por aí para caçar. E depois, sair por aí contando suas estórias de caçador – que sempre podem ser de verdade ou de mentira, afinal, quem conta um conto aumenta um ponto . Sem dúvida, era um rapaz atrevido, às vezes um pouco mentiroso, mas sempre um cara legal. *Sei lá, esse cara deve ser mais ou menos assim como o Getúlio*, pensou o Manuel.

De repente, por distração ou atenção demais, o Manuel foi entrando na estória, até por que começaram a acontecer umas coisas fantásticas. Quando os aventureiros chegam perto da cidade de Kazeh, no que seria hoje a Tanzânia, o Doutor Fergusson, com sua luneta dourada, avistou um grande mercado livre, um mercado onde reinava a agitação pertétua dos mercados àrabes. Tinha deixado a ilha de Zanzibar, e ainda comentavam sobre as tentativas frustradas do grupo de nativos que em vão tentava fazer chover. Aquele tipo de crendice ficou marcado na cabeça dos viajantes. Do alto do balão podiam ver que o mercado estava cheio de àrabes, negociando todo o tipo de coisa. De repente o Vitória começou a baixar no meio daquela gente. Os homens, mulheres, crianças e escravos se calaram e começaram a olhar para enorme balão branco. Tudo que parecia confuso, parou. E o povo se calou.



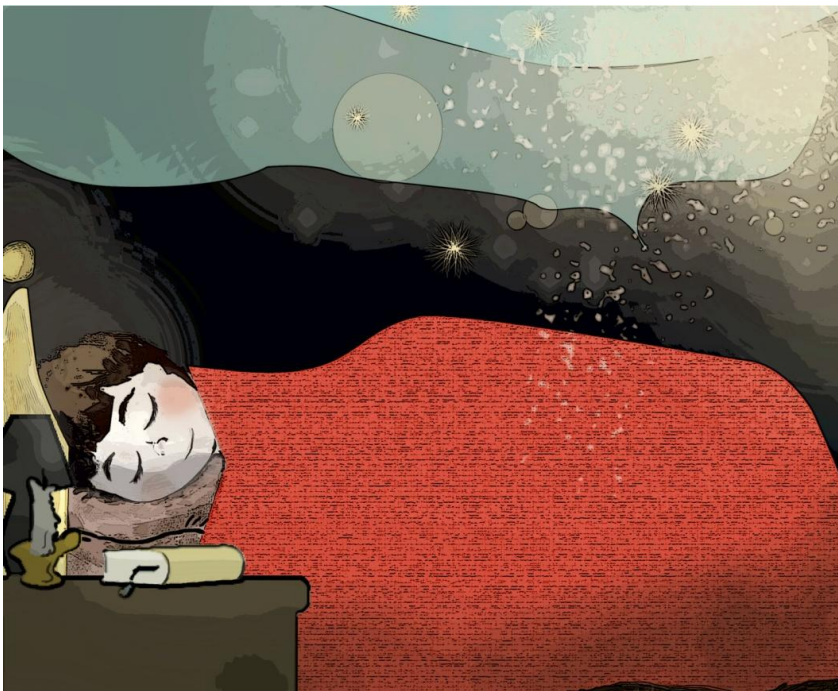
Tudo de Manuel se concentrava na estória. Agora, as pupilas percorriam as linhas, atentas às palavras que se seguiam, enquanto um fiozinho de som quase imperceptível vem do rádio de pilhas da cozinha, trazendo pela estação de música clássica, a sinfonia em si menor de Schubert – “a inacabada”.

Quando saltaram do balão os aventureiros foram levados à presença de um sultão que de tão gordão, jamais conseguia levantar as ancas do chão. De repente surgiu quase de sopetão, frente ao sultão bufão, o bigodinho prudente do nosso Dr. capitão. As mulheres do sultão, fumando narguilé riam daquele inglês com cara de lelé. O doutor logo viu que o sultão gabarola bebia tanto, que já não andava da bola regulando. E sabendo disso o Dr. Fergusson pingou umas gotinhas de amônia no nariz do tal sultão, que num salto quase foi ao teto e veio ao chão. Depois de tanto pular, a notícia correu pelo ar. O povo da cidade pensou que o pessoal do balão era místico ou

mágico de só fazer aquele trambolho do sultão sair do chão. Chamaram os homens do balão branco de “Filhos da Lua” que chegaram na terra. E tudo ficaria por isso mesmo, a não ser por um pequeno detalhe.

**4:43 da tarde:** Às vezes os lábios do menino se moviam involuntariamente quando uma palavra mais difícil aparecia. As vezes os lábios insinuavam um sorriso, como em algumas passagens que sugeriam a busca de novos horizontes, sem desanimar frente às dificuldades que aparecessem. Como tudo que é bom dura pouco, o menino, depois do almoço, cochilou no sofá com o livro. Justo na parte em que uma imensa lua cheia apareceu no céu, pondo por terra a farsa armada pelo Dr. Fergusson. Os Filhos da Lua tiveram é que sair correndo daquele lugar com um monte de gente correndo atrás deles. A mãe até estranhou os tiques e gestos estranhos do menino: o Manuel parecia outro Manuel. Nunca dormia durante o dia e vivia completamente distraído. Ou melhor, absorvido pela estória da viagem no continente africano a bordo de um balão. Comeu tudo, repetiu o prato, pediu fruta de sobremesa e com os olhos colados naquele vai e vem dos olhinhos apressados dos ansiosos...

... e tudo escureceu, a cabeça pendia, os dedos esmoreciam e o manuel dormiu.. e, de repente, como ocorre sempre quando dormimos, ele foi perdendo a noção do tempo. e de repente a realidade fez folia em seu cochilo e o sonho se fez claro. e de repente no meio do sono o livro caiu para o lado do sofá. do sofá, o pequeno manuel viu uma luz lá no alto e começou a segui-la. com apenas uma linha na folha branca de um papel, o manuel fez um círculo, que foi levitando e levitando no ar, ao lado de uma montanha, e vendo que o livro e a cama se afastavam e iam ficando cada vez mais lá para baixo. umas vozes distantes davam a entender que havia gente conversando. de repente, as vozes e ele foram se perdendo dentro de si. dentro desses sonhos, o círculo foi imitando um balão que mais parecia mágico. como se tudo ao redor fosse pintado como numa aquarela, o menino parecia estar dentro de um céu azul, mas sem perceber já estava dentro do próprio balão Victória. com um lápis que tinha na mão, se deu um triângulo. nesse instante imaginou um barco a vela, navegando por um lago tão grande que mais parecia um mar de água calma no céu azul de matisse. era um veleiro ou era o próprio sofá que ficara lá embaixo, e que de onde estava já não conseguia distinguir? não tinha nada claro, como no quadro de magrite, onde nunca se sabe se a sala é muito pequena ou se é o quadro que é demasiado grande...

**5:30 da tarde:**

Lógico que eu e você sabemos que isso é um sonho. Uma coisa de dentro da cabeça do Manuel. Ele ainda não sabe disso. Nem chegou a encontrar ainda o Doutor Fergusson, por que nem sequer olhou para trás.

Basta imaginar que o Manuel está partindo, sereno e calmo e sem nem mesmo a gente perceber ele já está dentro do balão, viajando pelo Congo, Zaire e passando lago Vitoria, na procura da nascente do Nilo. Pois o Doutor Fergusson, e os seus amigos Joe e Dick Kennedy só tinham uma coisa na cabeça: encontrar a tal nascente do Rio Nilo. Ele ainda não sabe bem onde está.

...de dentro do balão branco ele voa de leste para oeste, do oceano Índico ao atlântico contornando uma imensa curva que passa pelo lago Chad, pelo deserto do Saara e pelo rio Níger. O que ele vê é uma exuberância nas cores verde e azul, entrecortada por linhas tortas que vão e vêm, que podem ser rios, como rapidinho imaginou, ou apenas coisas de sua imaginação...

...por enquanto só se ouvia vozes. Tudo estava escuro. Lembrou naquele momento que havia se escondido num dos sacos do balão. Uma das vozes era a do Dr. Fergusson. A outra devia ser de Kennedy. Eles conversavam que deviam ganhar altura para fugir dos antílopes azuis. Para isso começaram a se livrar de todo o peso do balão, jogando fora vários sacos de areia. Num deles estava o Manuel. Ele começou a cair e cair e cair e começou a se sentir nervoso com essa coisa de cair envolto num halo de anjo, e de saltar de pés juntos para fora do quadro de Magritte e cair dentro de um quadro de Miró...e continuou caindo...

**6:31 da tarde:** Manuel quis gritar, se mover, espernear. Queria se desembaraçar daqueles cipoais escritos, mas a voz não saía era como a de um grito gago, uma voz para dentro. Abriu os olhos e acordou de repente, assustado. Ficou um tempo sentado no sofá, para se certificar de que saiu do sonho como quem lava as mãos. Mas não foi bem assim. Já era quase final de tarde. Continuava chovendo, mas agora era uma chuvinha fina, dessas chatas que não aumentam nem param de uma vez. As imagens do sonho ainda eram vivas em sua memória. Já era quase final de tarde e dentro em pouco começaria a escurecer.

Olhou para o livro caído e sentiu vontade de continuar a ler e precisava se apressar pois a luz ainda não tinha voltado. Leu quase por toda a tarde e noite até a hora de dormir. No jantar, a mesma coisa. O menino não arredava os olhos do livro. Os pais

olhavam desconfiados. Primeiro, acharam que Manuel estava meio doente: um desses ares que entram, como diz a avó.

- *Manuel, Manuel, meu filho, fala com a mamãe, você bateu com a cabeça? Fala meu filho, fala! A mãe gesticulava, balançava os braços, limpava as mãos no avental e voltava a gesticular.*

- *Para de me sacudir mãe!*

- *É que você vive com essa cabeça no mundo da lua, menino.*

- *Acho que a senhora está exagerando mãe.*

- *Estou exagerando nada, eu sou a tua mãe.*

- *Pai, fala pra mãe que eu quero ler meu livro em paz.*

- *Mulher, deixa o menino ler o livro dele.*

- *Pai, por que o senhor está com esse sorrizinho de Mona Lisa sonsa para a mamãe?*

- *Que sorriso menino?*

- *Então, pelo menos deixa eu acender uma vela no meu quarto?*

- *Não vê que isso estraga as vistas, menino! Vai acabar ficando igual teu pai. Lendo, lendo...*

**8:37 da noite:** Por fim, puseram a tal vela no quarto. Preferiram deixar o Manuel ler em paz seu livro. O que quer que tivesse acontecido, não podia ter tido melhor resultado. O Manuel deitou-se na cama. Dessa vez deixou o livro aberto sobre a barriga. Ficou olhando para o teto branco. Ficou assim por um tempo, entornando seus grandes olhos castanhos na imensidão branca do teto. Uma espécie de preguiça tomou conta dele. No momento em que fechou os olhos tudo voltou e o ruído das

gotas batendo na janela foi ficando cada vez mais distante. Quase chegou a pegar no sono novamente.

.... tudo voltou a ficar escuro....e de repente as mesmas vozes de antes foram ouvidas. umas imagens também foram se formando em sua cabeça... viu uma árvore carregada de frutas maduras, pareciam laranjas. não, eram vermelhas. não podia ser, uma laranja não é vermelha. sim, pareciam maçãs. eram maçãs, e ele flutuava bem de levinho pelo ar tentando chegar perto delas. quando foi chegando bem perto da copa da árvore, tentou pegar uma das frutas, desequilibrou-se, elas bateram asas e voaram como borboletas. era um mar de cores viajando pelo céu azul. no meio do céu viu um balão as vozes do dr. fergusson com sua luneta e de kennedy, ao longe, com os dois, da borda do balão, apontando para baixo, é um menino, na sua direção, é um menino... até que felizmente o menino em queda enganchou na âncora do balão. o dr. fergusson o viu e começou a içar a âncora. o mais constrangedor de tudo não era nem tanto o fato de que naquele dia ele tinha uma cueca furada, mas o mais constrangedor era que aquela justamente era a cueca com florzinhas que ele tanto odiava...

O mais constrangedor de tudo não era nem tanto o fato de que naquele dia o Manuel usava uma cueca furada, mas o mais constrangedor era que aquela era justamente a cueca de florzinhas que ele tanto odiava.



...eles o resgataram, e logo o identificaram como o menino do sexto andar. deram-lhe logo as boas-vindas e informaram que já tinham passado pela ilha de zanzibar. agora estavam sobrevoando o imenso lago de ukereué, e ficou decidido que com uma boca a mais deveriam pousar no local mais propício para caçar algo e renovar os estoques de comida, àgua e frutas. assim que passaram o lago o balão foi baixando e o manuel jogou a âncora...desceram por uma escada, no topo de uma pedra e deixaram o balão no ar. caminhavam em silêncio quando um bramido cortou o ar. uma cobra rastejou no chão e quando levantaram perceberam que não era cobra nada, era a tromba de um elefante de tamanho jamais visto. o balão havia enganchado naquele elefante do



tamanho de um garrancho que acordara e já rebocava o balão para longe. o manuel não ouviu o grito do elefante pois dormia encolhidinho no meio de umas cordas, mas ouviu o tiro que o kennedy deu para o alto, para acordar o menino que ficara de guarda no balão... e que agora ia como o destino, solto no ar e meio sem tino, dessa forma sem juízo que faz rir ou chorar, para onde não se sabe a razão que o poderoso elefante inventar... mudando a rota da viagem, sem pedir licença para fazer rir ou chorar... pois não cabe ao manuel conhecer ou ver o que virá, já que no fim ninguém sabe bem ao certo onde tudo isso vai dar....

\*\*\*

## 2. Domingo pela manhã

**7:30 da manhã:** Manuel acordou no dia seguinte e o livro estava na mesinha de cabeceira com um marcador de papel na página. Olhou para o livro e sentiu uma curiosidade em saber para onde iria o balão Vitória – afinal ele conseguira ler mais da metade do livro. Lembrava-se vagamente de uns sonhos estranhos, mas não se lembrava dos detalhes. Só sabia que as estórias emendavam umas nas outras.

Nada como um dia após o outro. Acordou com uma vontade danada de jogar *Wii*. Levantou-se e foi até a sala, onde estava a televisão. Apertou o botão. Nada. Apertou novamente. Nada. A TV não acendeu. Ligou a luz da sala e... nada. Foi até o quarto dos pais. Era domingo e os pais ainda dormiam. Voltou para o quarto. Do corredor foi até a cozinha pegar uma bolacha, olhou para o relógio do micro-ondas: o relógio estava funcionando! *Que estranho*, pensou o fedelho. Ligou a luz do quarto. Estranho: tinha luz. Estranho: toda a casa tinha luz, menos a sala onde estava a televisão. Estranho. Voltou para o quarto e ficou ali por uns minutos tentando entender aquele mistério.

**9:02 da manhã:** Como os pais dormiam, não tinha a quem perguntar sobre a televisão. Com a televisão apagada, não tinha nem como bater uma partidinha no *Wii*. Que tristeza. Que desolação. Fazer o quê? Abriu o livro um pouco antes da metade. Era a parte onde os aventureiros passavam por um calor insuportável, sem nem sequer uma briza amena. As reservas de água já tinham acabado, e nem adiantava

descer para buscar água pois estavam no meio de um deserto claro, infinito e solitário. Todos ardiam de sede como tochas de amaranto dentro daquele calor espantoso Na hora do café da manhã, Manuel perguntou ao pai se um dia ele poderia levá-lo para voar de balão. O pai olhou nos olhos do filho, passou a mão de leve em seus cabelos e disse que um dia o levaria para voar de balão.

**1:02 da tarde:** Manuel passou toda a manhã de domingo lendo. Pela tarde teria de fazer sala para a namorada nova do tio.

Cresceu com a idéias de que um pai que sempre diz *não* acaba sendo uma coisa natural. Até chegou a pensar por um tempo que o *não* seguido sempre de uma cara emburrada tinha uma causa única na personalidade lacônica, afeita às poucas palavras do pai. Mas depois conversando com outros amigos sobre o problema percebeu que os outros pais eram muito parecidos. Na frente dos amigos, tudo bem, fazem piadas, contam coisas engraçadas, mas dentro de casa é aquela vida de regras e condicionamentos. Esta convicção não deixou de o tornar desconfiado, fazendo-o observar ao pai e à mãe antes de se dirigir a eles, mas pelo menos viu que aquilo era normal.

\*\*\*

O tio Edvaldo, ao contrário era um tipo sempre disposto a contar estórias. Naquele domingo de tarde, os pais, o tio Edvaldo e a nova noiva do tio Edvaldo conversavam na sala. Conversa animada ao som de “Angú de Carço”, na voz do Edu Lobo. O dia continuava nublado, mas não chovia. Naquele momento Manuel aproveitou e terminou a estória, fechando o livro com um certo ar triunfal em que tudo que aconteceu se misturava com aquilo que ele queria que tivesse acontecido. Ele partilhou a tristeza do Doutor Fergusson de maneira um tanto distinta. O Doutor ficou triste com o fim da viagem, e ele com aquele sentimento inédito e diferente do fim de um livro bom. Não era bem uma conversa o que ele ouvia vindo da sala, mas apenas frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências misturadas com o cheiro de café. Na verdade, nenhum deles prestava muito atenção às palavras um do outro. Manuel

sempre pensou que quando as pessoas ficavam tristes, choravam com lágrimas que escorriam pelo rosto, como quando a mãe chorou abraçada ao tio Edvaldo quando perderam o Vô Manuel. Os dois choraram abraçados. Ou melhor, lembrou-se que o tio Edvaldo não chorou, e isso o intrigou. *Deve ser por que algumas pessoas choram para dentro*, ele pensou. O Doutor Fergusson estava triste pois teria de pensar logo numa nova viagem. Aliás, foi nesse dia que o Manuel percebeu que tinha o mesmo nome do avô, já que ele sempre pensou que o avô se chamasse de fato, Manolo. O menino ficou pensando no dia em que o avô morreu. Sua mãe recebeu a notícia e ficou muito triste. Foi para o quarto e ficou lá dentro por muito tempo.

Manuel se dirigiu para a sala. Os adultos estavam numa conversa de adulto, na certa falando mal de alguém. Nesse momento, no espaço dos passos que iam do quarto à sala, o menino já nem sequer estava preocupado se a vida era curta pra uns, ou longa demais para outros. Sentou-se ao lado do tio Edvaldo, que abraçava sua nova namorada, todo expansivo. Era a sua chance.

- *Tiô, dá um dinheiro aí?*

O tio quase meteu a mão no bolso. Mas o pai...

- *Passa daqui, menino!*

... e o tio bem que gostou da providência do meu pai, pois colocou rapidinho o dinheiro no bolso. Na certa ele não estava com vontade de dar o dinheiro coisa nenhuma, mas é que não ficava bem negar dois dinheirinhos assim, perto da nova namorada. E resolveram dar uma caminhada. Ou melhor, a mãe e a namorada do tio Edvaldo resolveram ficar em casa, conversando.... e eles resolveram fazer uma caminhada nas ruas do bairro. . Tio Edvaldo e seu pai, que falava pouco, foram conversando coisas de adultos. O menino pegou um graveto e ia combatendo contra árvores e plantas, monstros perigosos que apareciam no caminho. A certa altura, perguntaram ao menino que livro era aquele que ele tanto leu nos últimos dias. Eles não somente recontaram a estória do livro “Cinco Semanas num Balão”, mas a contaram por outro prisma. Como todo o bom contador de estórias, o tio Edvaldo desorganizou ainda mais os sonhos do menino. O Manuel ainda não tinha a noção de que, assim como num sonho, a vida

tampouco faz o menor sentido. Na certa, o tio Edvaldo sabia bem do que se tratava aquela estória cheia dos ardis e sutilezas que consideram o Ocidente com o sujeito da história Universal, a criança que sempre tem a razão por que é a dona da bola. Na certa, o pai também sabia que a viagem do livro de Julio Verne justificava uma série de questões presentes nos dias de hoje, como as coisas ruins na política, na geopolítica, nas disciplinas dos saberes, na idéia de Oriente e na contradição em que se vêem um no outro. Mas eles resolveram não falar nada disso. Naquela caminhada pelas rua do bairro, onde pai e cunhado caminhavam lado a lado com o menino, e mesmo sendo seu pai um lacônico e seu tio Edvaldo um falastrão, ambos secretamente concordavam que, já que a verdade e a mentira são coisas que se misturam, e que se em determinado momento da vida temos a chance de tocar o coração das pessoas e não o fazemos, distorcemos algo nessa coisa intangível que é tocar com palavras os sentimentos que se tornam mudos à palma da mão.

**11:36 da noite:** ... lá vai o balão com o menino onde dos pássaros resta o segredo do vôo. novamente um hálito de céu a encher o vazio do seu sono: numa alegria sem âncora, que de tão real propõe-se um sonho, como o de uma criança dando outro nome às coisas. neste sonho, porto, destino, abrigo, onde o tempo demora a passar, o doutor fergusson avista algo que talvez seja impressionante, fala de uma luz, de umas estrelas, usa palavras desconexas. o vento pára. kennedy em sua ansiedade de vida a rodar: deixe-me ver, deixe-me ver! agarrou da luneta. bastava esperar um momento. lá vai a vida a rodar num raso a transbordar. Tudo começa a girar e a luneta escapa das mãos do doutor Fergusson, que não msotrara perturbação nem arrependimento. o balão segue sem destino para o dia novo encontrar.

\*\*\*

Ironicamente, a segunda-feira pela manhã era de sol: chove no fim de semana inteiro e faz sol justo no dia de ir para a escola! Um sol de claridade avassaladora entrava pela fresta da cortina do quarto e pousava na mesinha de cabeceira onde havia um

globo terrestre em miniatura, uns soldadinhos verdes, dois bonecos de Lego, e o livro do Júlio Verne. Ele já havia acordado minutos atrás com o ruído dos pais na cozinha preparando o café, e agora olhava para o teto com ar intrigado. Minutos antes, assim que acordou, olhou para a mesinha de cabeceira e sentiu que seu coração quase havia parado em seco. Nesse momento, o pai entrou no quarto para acordar o menino, pois era hora de ir para a escola

- *Manolo, hora de acordar... filho, de quem é essa luneta dourada?*

- *Que luneta, pai?*

- *Ora, essa na sua mesinha de cabeceira, meu filho!*

\*\*\*

Semana passada, lembrou do episódio como quem entra num mistério. O Manolo fez quarenta anos. O pai partira há alguns anos, mas a mãe, ainda viva, lhe pedira na carta para ir à casa do campo para recolher os objetos sentimentais. Leu a carta da mãe como quem lê o silêncio que há por trás das palavras que animam seu interior. Precisavam vendê-la de uma vez. Abriu a velha porta de madeira verde emperrada, como se desfecha um sonho perdido. Parou sob o portal, inerte. Olhou para interior escuro. Sabe a sombra à sua frente do seu silêncio: de repente, um asco, um medo, uma vontade de entrar, um grito gago para dentro, pensou no tempo, no dia em que o velho partiu naquele verão que o viu partir, e nada mais existiu, nada em sua vida como um carinho seu, como um silêncio seu,

*Que luneta, pai?*

*Ora, essa na sua mesinha de cabeceira, meu filho!*



e nunca, jamais descobrira quem deixara aquela luneta dourada, agora empoeirada, encontrada nas tralhas do porão da Casa de Pedras, agora em ruínas.